

O LIVRO ELETRÔNICO NA CULTURA DIGITAL

Na Feira do Livro deste ano, participei de um painel sobre a questão do livro eletrônico com outros professores universitários e um representante da RBS. A emergência, cada vez maior na web, dos chamados e-books tem gerado alguma polêmica, especialmente quanto ao impacto sobre a tradicional forma impressa do livro. Críticos conservadores, nesse momento, fazem uma verdadeira apologia do papel como se, diante de uma possível ameaça ao livro tradicional, fosse necessário defendê-lo em seus insubstituíveis valores na nossa cultura. O argumento mais insistente, e convincente, é a desgastada metáfora em favor do livro impresso sobre o incomparável prazer de ler na cama, ainda refúgio para quem quer livrar-se do computador. Já os mais modernos, cantam a evolução tecnológica e pregam aos quatro ventos as maravilhas dos e-books e as n-formas de leitura digital, prevendo a expedição do atestado de óbito da publicação impressa para um futuro muito próximo. A batalha verbal ainda mostra os conservadores com vantagens argumentativas, principalmente porque sempre é mais simpático, nessas horas, defender a tradição e os valores do passado. Mas, certamente, os radicais de um lado e de outro não têm maior consistência em suas posições. Atacar a computação e a imparável evolução tecnológica capaz de expressar um livro em forma de e-book, via desktop, ou laptop, ou palmtop, ou mesmo celular, dispositivos capazes, em certas circunstâncias, de armazenar centenas de obras em espaço mínimo, é uma verdadeira cegueira cultural. Definir, porém, a data do funeral do livro impresso, com enraizamento milenar em nossa forma de vida, é um claro delírio provocativo. A minha posição sobre esse debate é muito simples e pode ser sintetizada em poucos argumentos. O primeiro é o de que a preocupação dos editores, livreiros e negociantes em geral do livro impresso, inclusive autores, é justa e tem sentido. De fato, os investimentos precisam ser avaliados, e as expectativas de venda devem ser consideradas. E, nesse caso, parece inevitável o impacto da produção digital sobre a impressa. Os internautas estão-se acostumando, gradativamente, com a navegação “free” em todas as suas instâncias, e isso é uma séria ameaça para quem deseja o comércio tradicional. De modo que, querendo ou não, a comunidade que trabalha profissionalmente o livro tem que se adaptar aos novos tempos, coisa que, aliás, sempre fez parte do mundo dos negócios. A segunda questão a ser considerada é que o quadro cultural não parece sustentar a hipótese simplista do tipo entra um objeto, como o e-book, e sai da cena outro objeto, como o livro em papel. A televisão e o dvd não acabaram com o cinema como previam alguns futurólogos; mas o vídeo-cassete, de fato, caiu em desuso. Qual a explicação para a aparente contradição? Ocorre que o que está na pura ordem da tecnologia, sem enraizamento social e forma de vida, realmente se submete à pura substituição se uma tecnologia mais forte emerge. Sim, os velhos telefones praticamente se foram, assim, também, os velhos televisores, e isso também aconteceu com o pergaminho ou o manuscrito. Mas o livro na forma em que o conhecemos é milenar. Da inscrição no saibro, passando pelos pergaminhos, pelo códice, até o livro de papel impresso e serializado, ele tem a tradição da linguagem escrita, e essa se mantém. A escrita é a alma do livro do saibro ao pendrive. O papel, em si mesmo, não deve preocupar os intelectuais, ainda que certamente preocupe os que vendem papel. A sua história de suporte literário é menor do que a das outras formas de livro. A transmissão de idéias pela escrita data de cerca de oito mil anos, o livro em papel, da nossa tradição, pouco mais de cinco séculos. No fundo, o papel, em sua forma de vida, vai realmente ser testado. Não o livro exatamente. Está chegando o Iphone; nele, podemos telefonar, passar e receber e-mails, navegar e ler livros inteiros. O livro está sendo mantido. Acredita-se que possamos ter interesse em carregar muitos livros num pequeno

dispositivo e lê-los, ao lado de inúmeras outras atividades. Haverá espaço para o livro de papel que nos habituamos a ler? Por que não? Se nossa forma de vida permite e quer, por que não? A riqueza de alternativas é uma das características das sociedades complexas, das infosferas atuais.

A Edipucrs não tem preconceitos com as velhas ou novas tecnologias. Tudo é compatível, em termos de livro impresso ou eletrônico. A verdadeira ignorância, como diria Mário Quintana, é ter o livro, em suas múltiplas formas e não ser capaz de lê-lo.